

História (escrita por volta de 445 a.c.) de Herodotos de Halicarnassos que viveu de 484 a 425 a.c.

Relato de uma passagem da vida de Solon de Salamina, um dos sábios antigos, onde podemos observar um pouco de sua sabedoria em ação.

“Por essas razões e para ver o mundo, Sólon deixou sua terra e foi para o Egito ao encontro de Amasis e para Sardis ao encontro de Croisos; à sua chegada, Croisos o recebeu em seu palácio. No terceiro ou quarto dia depois da chegada Croisos mandou seus serviçais levarem Sólon para circular entre seus tesouros e eles lhe mostraram tudo que havia lá, aquela grandeza e prosperidade; tendo visto e examinado tudo, Croisos, quando se lhe ofereceu a oportunidade, fez-lhe a seguinte pergunta: ‘ouvimos muitas coisas a teu respeito, hóspede ateniense, em relação à tua sapiência e às tuas perambulações e a quantas terras foste em busca de conhecimento e para ver o mundo; agora, portanto, veio-me o desejo de perguntar-te se jamais viste alguém mais feliz que todos os seus semelhantes’. Foi esta a pergunta de Croisos, que se julgava o mais feliz dos homens. Sólon, todavia, não quis adulá-lo de modo algum, e lhe respondeu sinceramente: ‘É o ateniense Telos, rei’. Croisos se surpreendeu com essa resposta e perguntou incisivamente a Solon: ‘Por que julgas que Telos e mais feliz?’ Sólon replicou: ‘A cidade de Telos prosperava, ele era pai de filhos belos e excelentes, viu crianças nascidas de todos eles e sua riqueza era sólida; além disso, tendo tanta riqueza quanto um homem pode ter entre nós, ele terminou sua vida de maneira mais gloriosa: numa batalha entre os atenienses e seus vizinhos em Eleusis ele atacou e derrotou o inimigo e teve ali a mais bela das mortes; os atenienses lhe proporcionaram um funeral a expensas da cidade no local de sua morte e o distinguiram grandemente’.

Depois de Sólon haver despertado a curiosidade de Croisos com sua menção às muitas facetas da felicidade de Telos, o rei perguntou-lhe ainda quem ele punha em segundo lugar depois de Telos, pensando que certamente obteria ao menos o segundo lugar. Sólon respondeu: ‘Cleobis e Biton. Eles eram argivos e além de riqueza suficiente tinham a força física que descreverei a seguir. Ambos foram igualmente vencedores em competições atlética e também se conta a seu respeito a seguinte história: havia uma festa de Hera entre os argivos e era imprescindível que sua mãe fosse levada ao templo por uma parelha de bois; mas os bois não chegaram a tempo o campo e os jovens, premidos pela escassez de tempo, atrelaram-se ao jugo e puxaram o carro em que sua mãe estava sentada; eles o puxaram ao longo de quarenta e cinco estádios até chegarem ao templo. Isto feito, e sob as vistas da multidão presente, eles tiveram o mais belo dos fins e o deus mostrou através deles até que ponto a morte pode ser melhor do que a vida para o homem: os argivos os cercaram, felicitando-os por seu vigor e as argivas fizeram o mesmo em relação à mãe por haver tido tais filhos. Ela, então, em sua alegria diante o que havia sido feito e dito, pôs-se de pé defronte da estátua da deusa e fez uma prece para que seus filhos Cleobis e Biton, que lhe haviam proporcionado aquela grande honra, tivessem a maior boa sorte possível para os homens. Após a prece os jovens ofereceram sacrifícios e participaram do banquete; em seguida, foram dormir no próprio templo e nunca mais se levantaram; lá mesmo chegaram ao fim de suas vidas. Então os argivos fizeram e consagraram em Delfos estátuas dos dois, por haverem demonstrado a sua excelência.

Sólon lhes deu assim o segundo lugar em felicidade; mas Croisos, irritado, disse: ‘Hóspede ateniense! Desprezas de tal maneira nossa felicidade que nos comparas com homens comuns?’ Sólon respondeu o seguinte: ‘Conheço todo o poder dos deuses, Croisos e seu ânimo vingativo, e quanto eles gostam de desconcertar-nos. E me interrogas sobre a sorte dos homens! No curso de uma longa vida podemos ver muitas coisas de que não gostamos e podemos sofrer muito. Calculo em setenta anos a duração máxima da vida humana; esses setenta anos correspondem a vinte e cinco mil e duzentos dias, sem contarmos os meses intercalares. Se a cada dois anos for acrescentando mais um mês ao ano, de tal forma que as estações e o calendário possam sincronizar-se, então os meses intercalares serão trinta e cinco além dos setenta anos e os dias desses meses serão mil e cinqüenta; logo, todos os dias dos setenta anos parecem ser vinte e seis mil e duzentos e cinqüenta, e podemos dizer perfeitamente que nenhum desses dias é igual ao outro naquilo que nos traz. Então, Croisos, o homem é só incerteza. Pareces-me muito rico e rei de muitos homens, mas não poderei responder à tua pergunta antes de ouvir dizer que findaste bem a tua vida. Em verdade, o homem muito rico não é mais feliz do que aquele que tem apenas o suficiente para o dia de hoje, a ao ser que a boa sorte lhe continue fiel até o fim de sua vida; proporcionando-lhe todas as boas coisas. Muitos homens com grandes riquezas são desventurados e muitos que têm recursos moderados são venturosos. De fato, o homem muito rico mas apesar disso desventurado tem apenas duas vantagens sobre o venturosos com recursos moderados, mas este tem muitas vantagens sobre o rico desventurado: o último dispõe de mais meios para realizar seus desejos e para enfrentar o golpe de uma grande calamidade, mas as vantagens do primeiro são que, embora ele não tenha

tantos meios quanto o outro para enfrentar calamidade e satisfazer os desejos, a calamidade e os desejos são mantidos longe dele por sua boa sorte e ele está livre de deformidades, doenças e outros males, tem filhos belos e ele mesmo é belo. Ora: se esse homem, além de tudo isso, ainda termina bem a sua vida, então ele é o homem que procuras e é digno de ser chamado venturoso; mas devemos esperar até que ele esteja morto, e ainda não o chamaremos venturoso, mas apenas homem de sorte. Ninguém que seja apenas homem pode ter todas essas coisas juntas, da mesma forma que terra nenhuma é totalmente auto-suficiente quanto aos seus produtos; algumas dão uma coisa, mas carecem de outra e a melhor terra é a que produz mais coisas; de maneira idêntica, pessoa alguma é auto-suficiente; algumas têm uma coisa, mas carecem de outra, mas o homem que se mantém na posse de mais coisas e afinal chega suavemente ao termo de sua vida, tal homem, rei, eu julgo digno desse título. Devemos olhar para o termo de cada coisa, e ver como ele findará, pois a muitas pessoas a divindade dá um lampejo de boa sorte para depois aniquila-las totalmente’

Falando assim, Sólon não foi agradável a Croisos, que por isso não lhe demonstrou estima alguma e o mandou embora, pois pensou que é uma tolice desprezar a prosperidade e querer que se olhe para o termo de todas as coisas.”